

Philippe Gabriel

Ciclo Expositivo «Em contramão: da desumanização aos cuidados»

Curador: Vítor Nieves

**03.06 -
15.07.2023**

PEELE



A Galeria Imago Lisboa em colaboração com o Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI) apresenta a primeira exposição individual de Philippe Gabriel na Europa, um trabalho que reúne uma selecção de obras que explora as complexidades da relação materno-filial por meio de uma abordagem singular da fotografia vernacular que nos enrodilha nas profundezas da memória pessoal e colectiva.

Esta exposição fecha o Ciclo Expositivo «Em contramão: da desumanização aos cuidados» que começou no início do ano com a exposição de Sandra Valle.

PELE

Philippe Gabriel desafia os limites da fotografia de álbum familiar revelando uma linguagem íntima e universal, com reverberações das memórias da sua própria relação com a mãe. Cada imagem de que se apropria é minuciosamente manipulada, desconstruindo e reconstruindo os laços materno-filiais. As fotografias adquirem uma nova vida nas suas mãos e, portanto, novos significados que trazem uma mudança de significantes que convidam, entre outras reflexões, a ponderar sobre a natureza mutável das relações familiares, além de se espalharem pela ideia de efemeridade, uma sorte de *tempus fugit* contemporâneo.

A resignificação dessas imagens apropriadas é feita com a sensibilidade que caracteriza o autor, que concomitantemente desfaz os laços simbólicos entre a infância e a autoridade, entre fragilidade e força, e introduz elementos de estranhamento e introspecção. Os papéis — e os corpos — arranhados e costurados, testemunham a dor de nascer num corpo vulnerável e a busca de uma identidade própria.

O artista brasileiro, residente em Lisboa, traz consigo uma bagagem rica de experiências e diversas influências artísticas. Durante o Master que frequentou no IPCI, Philippe Gabriel embarcou num projecto reparador que teve início ao encontrar um tesouro esquecido na Feira da Ladra. Fotografias antigas, descartadas por uma família desconhecida, encontraram um novo propósito ao aparecerem no caminho do artista.

Na prática artística de Philippe encontramos ressonâncias com artistas contemporâneos do Brasil que têm explorado o poder transformador da fotografia vernacular. Entre elas, Rosângela Rennó, que, com as suas intervenções fotográficas, resgata e recontextualiza imagens perdidas no tempo, infundindo-lhes novos significados e desvelando narrativas ocultas. Também podemos alvejar ecos do trabalho de Marcos Bonisson, cuja fotografia histórica e apropriação de álbuns familiares mergulha nos fardéis do imaginário colectivo das memórias afectivas.

Além do panorama brasileiro, a contribuição de artistas que usam a fotografia familiar como uma fonte de inspiração e investigação, teve uma grande influência na construção do projecto que hoje habita a Imago Lisboa. Como a obra de Christian Boltanski, debruçada na memória colectiva e a fugacidade da vida, ou a de Sophie Calle, sempre convidativa a descobrir as histórias pessoais através do arquivo fotográfico.

A concepção final da pesquisa de Philippe Gabriel formalizou-se num Livro de Artista, que pretende ser um álbum tradicional mas que, a cada voltar de página, expande os coutos do convencional. Nele encontramos páginas desdobráveis, linhas de crochê vermelhas que arrastam camadas ocultas de imagens e pedaços de fotografias que se convertem em quebra-cabeças visuais.

Ao repensar o projecto para a exposição, curadoria e autoria tecem novas obras a partir de cada uma das páginas do citado Livro de Artista. Novos materiais e suportes foram trazidos à exposição numa fiel tradução da peça-livro para a arquitectura do Cubo Branco. Peças tridimensionais ganham

vida no espaço expositivo, aguardando uma interacção. Essa abordagem aclama a participação activa para nos envolvermos numa experiência que transcende a simples observação e que nos induz a revelar segredos, reconstruir narrativas e testemunhar a reinvenção da memória.

Nessa tradução para a terceira dimensão, a habilidade do artista em incorporar práticas artísticas tradicionalmente associadas às mulheres, que já estava presente no Livro de Artista, é agora representada nas costuras e nos intermináveis fios de lã, numa abordagem subtil que evoca reflexões sobre as identidades de mãe e filho e o que tradicionalmente se espera de cada uma delas. O autor redefine assim as fronteiras do que é normativamente considerado masculino e feminino, um debate instalado já nos interstícios da arte que abraça o feminismo e a evolução das práticas artísticas historicamente marginalizadas.

Ad majorem artis gloriam, o artista, que tinha usado na edição do Livro de Artista um álbum antigo adquirido na Ladra, transmuta esse suporte pelo uso cuidadoso de molduras descobertas na mesma feira de velharias, reforçando a conexão entre passado e presente, entre a intimidade e o espaço público, num claro *flerte* com o «*the personal is political*» de Carol Hanisch. No mesmo mosaico

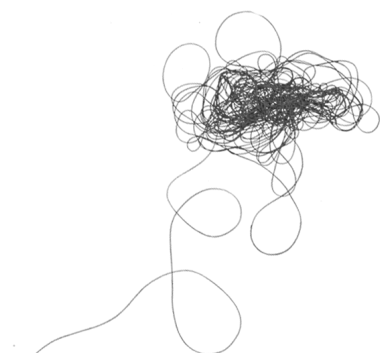
de obras, encontramos também uma foto-pintura que nos aproxima à arraigada prática fotográfica brasileira e que se entrelaça com as memórias do artista e a sua respectiva relação maternal. Essa fusão entre fotografia e pintura estabelece um diálogo visual que captura a essência emocional das imagens, transportando-nos para um universo poético e nostálgico.

À medida que avançamos no percurso expositivo, encontramos o eco das palavras de Clarice Lispector que, ao longo dos seus livros, expõe os conflitos e a complexidade das relações humanas. Algumas das peças, porém, têm uma voz poderosa mais parecida com a de Conceição Evaristo, revelando, como ela, as nuances da experiência multi-identitária brasileira e a luta por uma identidade livre de estereótipos e imposições.

Philippe Gabriel faz-nos reflectir sobre as memórias e as relações familiares e confronta-nos com a dualidade entre apego e separação, amor e conflito. Levar-nos-á a contemplar a natureza insondável dos laços que nos moldam e nos definem.

VÍTOR NIEVES. Curador

Por opção do autor, este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990.



PHILIPPE GABRIEL (1992. Tijucas, Brasil).

Reside em Portugal desde 2021. Através da fotografia procura perceber o outro que nos habita. Um outro que é tomado por pensamentos involuntários, estranhamentos, não-reconhecimento identitário, e que aparece muitas vezes na fotografia, no espelho ou nas próprias memórias. Num diálogo directo com a literatura, com as artes plásticas e com a psicanálise, procura desenvolver a fotografia como método de investigação artística sobre as relações humanas. É biólogo, artista visual e formou-se no Master em Fotografia Artística no Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI Lisboa). Já produziu livros de fotografia e de artista, além de ter participado em exposições colectivas e individuais com trabalhos de fotografia, vídeos e instalações.

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI) e Imago Lisboa Photo Festival.

PRODUÇÃO

Vítor Nieves, António Pedrosa, Philippe Gabriel,
Luiz Fernando Botega e Rosa van de Vooren.

IMPRESSÃO

Lumen e IPCI.

EMOLDURADO

Moldarte e Philippe Gabriel.

DESENHO EXPOSITIVO

Vítor Nieves.

DIRECÇÃO DE MONTAGEM

Vítor Nieves e António Pedrosa.

MONTAGEM

IPCI e Galeria Imago Lisboa.

DOCUMENTAÇÃO

IPCI, Anna Costa, Alejandro Coutinho e Vítor Nieves.

REVISÃO TEXTUAL

Sérgio Rodrigues.

DESIGN GRÁFICO

Vítor Nieves.

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Denise Cunha Silva e Vítor Nieves.

COMUNICAÇÃO

Galeria Imago Lisboa e IPCI